

Editorial

Prezadas(os) leitoras(es),

Fico muito grato de lhes escrever novamente na condição de Editor-Chefe da *Revista Brasileira de Estudos de Defesa (RBED)* para o biênio de 2023-2024, função esta que ocupei há alguns anos (2014-2018) e que volto a desempenhar junto à nova diretoria da Associação Brasileira de Estudos de Defesa (ABED). Carrego uma missão de seguir mantendo o alto grau da qualidade das produções publicadas pela *RBED* nos últimos anos, além da honra de, junto a competentes e dedicados colegas, fazer parte da primeira diretoria da ABED, no ano em que a associação completa 18 anos, a ser presidida e secretariada por mulheres. Na presidência, comandando a nova diretoria, temos a professora Maria Celina D’Araujo (PUC Rio), pesquisadora com notórias contribuições ao campo dos estudos de defesa e dos militares no Brasil — além de ser uma das fundadoras e sócia-emérita da ABED. Completam o time da diretoria 2023-2024 Antonio Jorge Ramalho da Rocha (UnB, vice-presidência), Marina Gisela Vitelli (UFRRJ, secretaria-executiva), Juliana de Paula Bigatão Puig (Unifesp, secretaria-adjunta), Érica Cristina Alexandre Winand (UFS, diretoria de relações institucionais), Thomas Ferdinand Heye (UFF, diretoria financeira), Anaís Medeiros Passos (UFSC, diretoria financeira adjunta), e este que vos escreve, Lucas Pereira Rezende (UFMG, diretoria de publicações). No Conselho Fiscal, Tamiris Pereira dos Santos (Centro Universitário Senai Cimatec) e Miguel Patrice Philippe Dhenin (Unifap) completam a gestão 2023-2024 da ABED. Para além desses, a *RBED* conta agora também com os préstimos como assistente de editoria de Fernanda Maura Souza, graduanda em Relações Econômicas Internacionais (UFMG).

Abrimos esta segunda edição de 2022 da *RBED* com três artigos que compõem o dossiê temático *Mísseis e Foguetes na Defesa Nacional: dissuasão convencional, estratégia operacional, regimes e tecnologia*, proposto pelos professores Alcides Costa Vaz (UnB) e Érico Esteves Duarte (UFRGS). Carlos Eduardo Valle Rosa trabalha no primeiro artigo, “A utilidade estratégica do míssil de cruzeiro”, o potencial de emprego de mísseis de cruzeiro em campanhas aeroestratégicas. Rosa sugere definições a serem utilizadas nas doutrinas de emprego brasileiras, apontando aspectos teóricos e tendências contemporâneas a serem consideradas para o caso dos debates doutrinários para o Brasil.

No segundo artigo do dossiê, “The Evolution of Global Missile Transactions Between the 1950s and 2010s”, Hélio Caetano Farias, Guilherme Ramon Garcia Marques e Rafael Marinho constroem o histó-

rico de transações de mísseis no período de sete décadas, demonstrando o crescimento da categoria em comparação com as demais transações da indústria de defesa. Apresentam ainda como apenas três países concentram quase 85% da produção e exportação de mísseis desde os anos 1950, e, por fim, como o quadro de compradores se alterou de maneira mais significativa do que seus produtores.

Eduardo Munhoz Svartman, Tamiris Pereira dos Santos e Valeska Ferraza Monteiro assinam o último artigo do dossiê, “A cooperação na produção de mísseis entre Reino Unido e França: Histórico e implicações e perspectivas de desenvolvimento do Storm Shadow”, que aborda o aspecto estratégico da cooperação em defesa em seu caráter dissuasório na produção conjunta de mísseis. Pelo olhar econômico, com foco no Reino Unido, o artigo analisa como a produção do míssil de cruzeiro Storm Shadow/Scalp-EG, projeto iniciado nos anos 1990, desenvolveu-se em um contexto de redefinição do campo da defesa no pós-Guerra Fria, e como ele influenciou o setor industrial britânico, chegando ao contexto pós-Brexit.

Na sequência, compondo as submissões regulares deste volume da RBED, partindo para o campo nuclear em “A Modernização das Forças Nucleares da Rússia: reposicionamento geopolítico”, Arthur Freitas Fernandes e Martônio Mont’Alverne Barreto Lima sugerem, no quarto artigo, uma inevitabilidade de uma nova corrida armamentista entre Estados Unidos e Rússia. O trabalho mostra como o alto investimento russo em armas nucleares colocou o país em uma posição de vanguarda, segundo os autores, frente aos estadunidenses — mesmo que enfrentando restrições orçamentárias em comparação com os EUA.

Distanciando a análise das antigas potências do período da Guerra Fria, no quinto artigo, Alana Camoça Gonçalves de Oliveira e Felipe Gusmão Carioni Fernandes voltam seus olhos para a nova potência emergente da comumente chamada *Guerra Fria 2.0* em “O dragão ruma para o sul: geopolítica e geoestratégia chinesa no Mar do Sul da China”. Mostrando como a região do mar do sul da China tornou-se o novo epicentro da balança de poder global, os autores discutem ali a projeção do gigante asiático a partir de 2009, e como, ainda que em outras regiões apresentem uma posição conciliadora, em regiões prioritárias para sua segurança os chineses empregam princípios típicos da teoria realista das Relações Internacionais.

No sexto artigo deste volume, “European Union Military Operations and Global Security: ambitions and reality”, Sérgio Luiz Cruz Aguilar volta o olhar para um campo que me é muito caro, a cooperação em defesa, e nos apresenta como a União Europeia vem aumentando os seus esforços para respostas militares a crises como forma de se firmar como um ator relevante no campo da segurança internacional. Aguilar, no entanto,

ao retomar as treze operações militares desenvolvidas pela UE em outros territórios, demonstra como são questionáveis os resultados observados, com uma explícita incongruência entre discurso e prática, evidenciando os limites institucionais da União Europeia.

Em “A tríplice hélice israelense no cenário de cibersegurança”, nosso sétimo artigo, Eliezer Batista Junior, Frederico Emanuel Souza Nunes e Rôber Yamashita apresentam como a segurança cibernética de Israel é calçada na tríplice hélice formada por governo, indústria e academia. Segundo os autores, em especial nos anos iniciais do século XXI, os constantes ataques cibernéticos a instituições israelenses fizeram com que o país desenvolvesse capacidades tecnológicas significativamente superiores aos seus adversários e vizinhos, com sistemas responsivos, resilientes e dinâmicos produzidos a partir da tríplice hélice. Com resultados positivos, o artigo demonstra a relevância da participação da academia para um sólido desenvolvimento tecnológico no campo da defesa nacional — algo que poderia muito bem servir como exemplo tanto para os tomadores de decisão quanto para os militares brasileiros.

Finalmente, no oitavo e último artigo deste volume, voltamos ao contexto brasileiro em “Análise estrutural das estratégias de segurança cibernética do Brasil e dos Estados Unidos”. Israel Aono Nunes, Juliana Zanziboni de Assunção e Vitelio Brustolin analisam comparativamente as estratégias de segurança cibernética brasileira e estadunidense, e mostram como ambas foram desenvolvidas de forma diferente. Enquanto no Brasil utilizou-se a metodologia *bottom-up*, na qual primeiro foram realizadas análises do contexto cibernético no país para depois proceder com o desenvolvimento da estratégia, nos EUA fez-se uso do método *top-down*, com primeiro a definição dos objetivos a serem atingidos e, na sequência, a elaboração das estratégias para que fossem estes fossem alcançados.

Para encerrar o volume 2 de 2022 da *Revista Brasileira de Estudos de Defesa*, a presidente da ABED, Maria Celina D’Araujo, nos apresenta em “Imigrantes e Soldados” uma resenha do livro *The Power of Diversity in the Armed Forces: international perspectives on immigrants participation in the military*, organizados por Grazia Scoppio e Sara Grego (McGill-Queen’s University Press, 2022). Vemos como a diversidade, diferentemente do cânone, deve ser incentivada na composição das forças armadas dos países democráticos. O livro demonstra a importância da conscrição de imigrantes e seus descendentes como estratégia de integração, e apresenta criticamente como países que não aceitam imigrantes em suas forças armadas, dentre os quais o Brasil, perdem em termos tanto de representatividade quanto de legitimidade — elementos fundamentais para quaisquer regimes democráticos. Se é o objetivo da sociedade brasileira transformar nossas forças

armadas em instituições democráticas — e deve sê-lo, como em qualquer democracia consolidada —, é o momento de discutirmos a questão da representatividade na caserna.

Em nosso próximo volume, para além de novas submissões regulares, a *RBED* apresentará o resultado de um dossiê competentemente organizado por Fernando José Ludwig (UFT), Tássio Franchi (ECEME) e Vinicius Mariano de Carvalho (King's College London) sobre *Defesa, segurança e tensões nas fronteiras da América do Sul*.

Agradecemos a todas as autoras e autores que escolheram a *Revista Brasileira de Estudos de Defesa* para a publicação de suas pesquisas, e convidamos a vocês, caras(os) leitoras(es), a apreciar os ótimos textos que aqui lhes apresentamos. A *RBED* recebe artigos em fluxo contínuo, sempre nos campos de defesa nacional, estudos sobre militares, forças armadas e segurança internacional, sob óticas multidisciplinares, sempre sob o apuro da melhor produção científica. Convidamos também pesquisadoras(es) de todos os campos do conhecimento a enriquecerem nossos olhares com submissões de trabalhos em áreas do conhecimento ainda pouco exploradas nos estudos de defesa do Brasil, como Economia, Gestão Pública, Psicologia, Engenharias, Geografia, Ciências Humanas e Biológicas, além de temas relevantes para o debate de forças armadas democráticas como questões de gênero, inclusão, representatividade e a relação entre civis e militares para a defesa nacional.

Um abraço a todas(os), e boa leitura!

Belo Horizonte, 19 de junho de 2023

Lucas Pereira Rezende
Editor-Chefe da *RBED*